

Poesia e Política: do Individual ao Relacional

Poetry and Politics: from the individual to the relational

Diana Araujo Pereira*

* Universidade Federal da Integração Latino-americana, UNILA, Foz do Iguaçu - PR,
85866-000, e-mail: diana.araujopereira@gmail.com

Resumo: Este ensaio coloca em diálogo o pensamento do filósofo Herbert Marcuse e um poema do escritor Roberto Fernandez Retamar, para refletir sobre a construção da individualidade como pedra fundamental da sociedade moderna e suas consequências para o atual sistema-mundo, com especial atenção ao contexto latino-americano e caribenho. A partir da problematização do “homem unidimensional”, procuramos aproximar a poesia à política, com o objetivo de observar sua potencial capacidade de mobilização sensível e subjetiva para a transição de uma concepção do humano voltada ao individualismo, para um humano voltado à relação e ao cuidado. Essa perspectiva poderia fazer emergir possibilidades emancipatórias no âmbito da educação.

Palavras-chave: Poesia latino-americana; interculturalidade; ética do cuidado; educação

Abstract: This essay brings into dialogue the thinking of philosopher Herbert Marcuse and a poem by writer Roberto Fernandez Retamar, to reflect on the construction of individuality as a cornerstone of modern society and its consequences for the current world-system, with special attention to the context Latin American and Caribbean. Based on the problematization of the “one-dimensional man”, we sought to bring poetry closer to politics, with the aim of observing its potential capacity for sensitive and subjective mobilization for the transition from a conception of the human focused on individualism, to a human focused on relationships and Caution. This perspective could give rise to emancipatory possibilities in the field of education.

Keywords: Latin American poetry; ethics of care; education

INTRODUÇÃO

Em 1968, Herbert Marcuse era uma das vozes críticas mais combativas do sistema mundo que se impunha e se fortalecia a passos largos, ao longo do século XX. Alemão de origem, porém radicado nos Estados Unidos; oriundo do idealismo alemão, embora convertido ao marxismo e participante da Escola de Frankfurt, Marcuse experimenta os giros históricos – sociais e políticos – de seu tempo. Com essas lentes filosóficas e biográficas, consegue perceber as idiosincrasias do sistema capitalista em

sua fase de recrudescimento que logo se tornaria neoliberal, como um dia o cubano José Martí (1853-1895) dera o seu testemunho do nascente imperialismo norte-americano, pois o vira formar-se de dentro do “gigante de botas” (MARTI, 1891)¹.

Marcuse chega a visualizar as contradições e ambiguidades que se projetam a partir de ideais que, em teoria, correspondem à construção da liberdade, mas que, de fato, constroem as cadeias que aprisionam uma humanidade condicionada a apertar botões, como no clássico filme *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin. Entre seus precisos diagnósticos, encontramos uma boa síntese deste processo que vem se edificando e institucionalizando há séculos, e que tem como base a constituição do Eu individual, ou seja, do indivíduo:

En su nueva función histórica, el concepto de individuo tiene su origen en la Reforma protestante. Se desarrollan simultáneamente las manifestaciones religiosas y seculares, internas y externas. En esta función doble, el individuo se convierte en la unidad de la nueva sociedad: en el espíritu, como sujeto responsable de la fe, del pensamiento y de la conciencia; y en el espíritu del capitalismo, como sujeto responsable de la libre empresa. (MARCUSE, 1986, p.27)

A liberdade, priorizada como valor moral e econômico, definitivamente associada ao modo de produção e à mentalidade capitalista, mostra-se muito mais subserviente do que realmente construtora de autenticidade; uma liberdade paradoxalmente aprisionadora:

Se suponía que la libertad era la cualidad esencial del individuo en la teoría y en la práctica, en el pensamiento y la acción; la cualidad del hombre interior y exterior. En este sentido, el individuo era el corolario de la empresa privada: la responsabilidad moral y la autonomía de la personalidad habían de tener su base real en la libertad económica y política. El individuo es propietario, no simplemente en el sentido de poseer recursos materiales, bienes y servicios necesarios para la realización (demostración, validación) de su libertad en su sociedad, sino en el sentido de haberlos adquirido en virtud de su propio trabajo o de su dominio sobre el trabajo de otro [...], y de haberlos hecho propios, expresión material de su personalidad productiva, creadora. [...] A través de la libertad de la empresa privada, esta clase (hablando en general, la burguesía) desarrolló las fuerzas productivas sobre una base individualista, bajo las condiciones del capitalismo libre que prevaleció en los países industriales hasta el final del siglo XIX. Y los mismos señores económicos eran individuos autónomos en su propia casa: al

¹ Manifiesto *Nuestra América*, publicado na Revista *Ilustrada* de Nueva York, Estados Unidos, em 10 de janeiro de 1891; e também publicado no *El Partido Liberal*, México, em 30 de janeiro de 1891. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>

determinar la educación de los hijos, el nivel de vida, el modelo de comportamiento, aplicaban el principio de realidad de una manera más bien autoritaria. (MARCUSE, 1986, pp. 28-29)

Fortalecidas as bases do patriarcado como cultura que se mistura e se entranha progressivamente ao capitalismo, erguem-se as sociedades e o sentido de individualidade que hoje conhecemos: a consciência individual transformada em mero individualismo que repudia qualquer princípio relacional voltado à conexão e à solidariedade (renunciando, assim, ao valor da fraternidade), em prol da hierarquização do ser humano em termos de gênero, raça e classe (eliminando-se, também, o valor da igualdade).

O antropólogo francês Bruno Latour, décadas depois de Marcuse, ao refletir sobre as crises socioambientais que materializam uma das mais flagrantes consequências das normativas e intenções dessa mentalidade, não sem ironia conclui que:

Embora deva haver tantas definições de humanidade quanto maneiras de pertencer ao mundo, estamos no exato momento em que por fim conseguimos universalizar o mesmo humanoide economizador e calculador em toda a superfície da Terra. Sob o nome de globalização ou mundialização, a cultura desse estranho OGM [organismo geneticamente modificado] – com seu nome latino *Homo oeconomicus* – se espalhou por toda parte... [...] Precisamos enfrentar o mundo com um humano reduzido a um número muito pequeno de competências intelectuais, dotado de um cérebro capaz de fazer cálculos simples de capitalização e consumo, ao qual é atribuído um número muito pequeno de desejos e que finalmente chegou a se convencer de que deve se tomar por um indivíduo, no sentido atômico da palavra. [...] Jamais uma definição da humanidade tão provinciana como essa foi transformada em padrão universal de comportamento. (LATOURE, 2020, p. 176)

Aquele indivíduo formado sobre a base econômica do capitalismo e a cultura do patriarcado vai, pouco a pouco, constituindo-se como “homem unidimensional” (MARCUSE, 1986), renegando da complexidade afetiva que lhe insere no tecido social, na comunidade. É este indivíduo europeu que, ao encontrar-se com o “Novo Mundo” se arrogará o direito extrativista sobre a terra e os corpos invadidos, conformando o *ego conquiro* antes mesmo do *ego cogito*. Segundo o filósofo Enrique Dussel (2005, p. 30), “o *ego cogito* moderno foi antecedido em mais de um século pelo *ego conquiro* (eu conquisto) prático do luso-hispano que impôs sua vontade (a primeira “Vontade-de-poder” moderna) sobre o índio americano.”

Nos últimos séculos, portanto, desenha-se o indivíduo como consciência que se perde na mecanicidade de uma vida tecnocrática e voltada ao lucro individual, aprisionado por uma cadeia de condicionantes macroestruturais e históricos. Infelizmente uma boa parte da humanidade está convencida, no mais profundo de sua subjetividade, de que não há escapatória para esse mundo pré-determinado. E mais: de que ou você é devorado ou será quem devora, em um sistema onde “todos contra todos” é um princípio estruturante.

Mas, embora esse quadro seja hegemônico, haveria outras possibilidades e alternativas para este “beco sem saída” no qual nos encontramos? É claro que sim; o próprio Latour considera que deve haver “tantas definições de humanidade quanto maneiras de pertencer ao mundo”. Para encontra-las precisamos ir além dos determinismos que nos condicionam, sem temer o futuro como devir e sem temer o passado como acervo e manancial.

A defesa de uma poética da relação, de Edouard Glissant (2015), constitui uma das possíveis respostas alternativas, voltadas à interculturalidade, pois ao articular a diversidade a partir de suas diferenças, em lugar de buscar a homogeneidade como princípio aglutinante, Glissant propõe um “pensamento arquipélago” que articule e medie as “opacidades”, ou seja, as especificidades de cada indivíduo e das diversas culturas, reconhecendo e respeitando seu valor heterogêneo. Em outras palavras, o poeta e ensaísta martiniquenho elabora uma visão contundente da mentalidade e da subjetividade da Martinica, ancorada no seu contexto antilhano e fundamentada na experiência da alteridade.

UMA SALVA DE PORVIR

O poema “Uma salva de porvir” (1995, pp. 79-80), de Roberto Fernández Retamar (Havana, 1930-2019), é um convite a refletir sobre caminhos atuais e futuros para um continente que historicamente une poesia e política. Como o poeta, proponho saudar o porvir abrindo-se às fronteiras, margens e ilhas – territórios geopolíticos ou simbólicos, nos quais se conformam lógicas relacionais, cujas bases se insurgem contra as verticalidades hegemônicas (SANTOS, 2008).

Deixemos falar o poeta:

Uma salva de porvir²

Não há provas.
As provas são que não há provas.
Não estavam, não estão, não estarão dadas as condições.
Crer porque é absurdo,
E cremos.
Mais absurdo que crer é ser,
E somos.
Nada garante que seria menos absurdo
Não ser nem crer.
As chamadas provas jazem por terra,
Úmidas relíquias da nave.
Derrubaram-se as estátuas enquanto dormíamos.
Eram de pedra, de mármore, de bronze.
Eram de cinza,
E um grito de gansos as fez fugir em bandos.

Não guardar tesouros onde
A umidade, os bichinhos os mordisquem.
Não guardar tesouros.

O tesouro é não guarda-los.
O tesouro é crer.
O tesouro é ser.

Não existem as façanhas nem os horrores do passado.
O presente é mais veloz que a leitura destas mesmas palavras.
O poeta saúda as coisas por vir
Com uma salva na noite escura.
Só o difícil.
Só o escuro.
E contra ele, nele, o fogo levantando
sua coluna viva, dourada, real.

O amor é
Quem vê.³

Roberto Fernández Retamar (Havana, 1930-2019), o histórico Presidente da Casa de las Américas, de Cuba, assinala nossas contradições sociais, e se pergunta pelo

² Una salva de porvenir

No hay pruebas / Las pruebas son que no hay pruebas / No estaban, no están, no estarán dadas las condiciones. / Creer porque es absurdo, / Y creemos. / Más absurdo que creer es ser, / Y somos. / Nada garantiza que fuera menos absurdo / No ser ni creer. / Las llamadas pruebas yacen por tierra, / Húmedas reliquias de la nave. / Se derrumbaron las estatuas mientras dormíamos. / Eran de piedra, de mármol, de bronce. / Eran de ceniza, / Y un grito de ánades las hizo huir en bandadas. / No guardar tesoros donde / La humedad, los bichitos los mordisqueen. / No guardar tesoros. / El tesoro es no guardarlos. / El tesoro es creer. / El tesoro es ser. / No existen las hazañas ni los horrores del pasado. / El presente es más veloz que la lectura de estas mismas palabras. / El poeta saluda las cosas por venir / Con una salva en la noche oscura. / Sólo lo difícil. / Sólo lo oscuro. / Y contra él, en él, el fuego levantando / Su columna viva, dorada, real. / El amor es / Quien ve.

³ Tradução livre da autora.

futuro com a esperança de quem “saúda as coisas por vir com uma salva na noite escura.” Ele começa o poema tentando equilibrar-se sobre a negação do devir, pois “não há provas, não estão dadas as condições, é absurdo, não há garantias...”; “as estátuas foram derrubadas enquanto dormíamos, as provas jazem por terra...”.

No entanto, apesar das circunstâncias adversas que vivemos como horizonte histórico, acreditamos no devir, trabalhamos arduamente por ele, porque “mais absurdo que crer é ser, e somos.” O tesouro que não guardamos, perecível, vale muito menos do que o tesouro que guardamos: “crer” e “ser”. Crer e ser são, portanto, o resumo da esperança assinalada pelo poeta que, teimosamente, à contracorrente, saúda o porvir. No poema, estas são as palavras-força da esperança, capazes de ativar a vontade de construção do porvir.

A noite escura, a que se refere o poema, poderia ser a década de 80 (na qual é publicado), tão difícil para o contexto geopolítico e social cubano, mas também poderia ser a noite histórica do longo horizonte colonial latino-americano, que nubla a visão do que somos e de onde estamos. Porém, segue o poeta afirmando que contra a escuridão que cega, “o amor é quem vê”. Contra todas as dificuldades, o amor é coluna viva, dourada, real. E o que vê o amor? Que “não existem as aventuras nem os horrores do passado” porque o “presente é mais veloz do que a leitura destas mesmas palavras”.

A esperança como ação retorna, no final do poema, associando o crer e o ser ao amor... três palavras chave para a percepção de que, apesar dos horrores do passado, podemos crer e ser a coluna viva e real que sustenta e levanta um porvir que devora, com a velocidade do presente, as memórias do passado. Crer e ser na direção apontada pelo amor, pois ele é quem vê o porvir.

O poeta - que viveu intensamente a realidade político-social e as idiossincrasias do século XX e início do XXI - esteve sempre presente e comprometido com o dinamismo criativo e insurgente que deflagrou as escolhas coletivas do seu lugar. Não podemos supor que era ingênua a sua defesa do amor, certamente uma palavra banalizada e romantizada de forma a esvaziar sua enorme potência *sentipensante*⁴ e política.

⁴ O termo *sentipensar/sentipensante* é adotado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1925-2008), em diversos de seus textos. Trata-se de um neologismo inventado pelos pescadores da costa colombiana. Veja-se, como exemplo: FALS BORDA, Orlando. *Una sociologia sentipensante para América Latina*. Buenos Aires: CLACSO-Siglo XXI, 2015.

Este poema, entre tantos outros, poderia ser tomado como um “reforço utopizante” (BLOCH, 2005, p. 93), pequeno exemplo de um discurso representativo da necessidade de contrapor a utopia – desejo e caminhar em direção ao porvir – ao determinismo dos discursos hegemônicos. Utopia como sinônimo de movimento, ou seja, da ação de esperar; base de uma poética que, como afirma Silviano Santiago (1982, p. 114), “avança um presente que se mostra com todo o seu inquestionável desejo de poder, ao mesmo tempo em que inventa um passado que lhe serve de profundidade”.

Retamar, como crítico e leitor de outro importante poeta das letras latino-americanas, Ernesto Cardenal (Granada, 1925-Manágua, 2020) ao comentar a escrita do nicaraguense bem poderia estar comentando o seu próprio poema:

O resultado de sua montagem de imagens, e o que dá um grave dramatismo, um tenso imediatismo a seus textos, é que nos faz viver aqui e agora a criação do cosmos e do apocalipse, a conquista espanhola, a destruição das culturas aborígenes, a expansão do imperialismo yanqui sobre nossas terras, o engano e a crueldade da sociedade capitalista; [...] Na leitura ativa que requer sua poesia [...] o universo é real e é agora e é formoso e é amor e é luta. (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2000, p. 101).⁵

O amor, em ambos os casos, seria uma espécie de potência estética e também ética que reconhece, como afirmei em outro lugar, que

Para chegar à paz, antes há que se estender pontes de palavras que façam emergir sistemas e estruturas que valorizem as camadas mais profundas da nossa memória histórica e imaginação compartilhadas. Também é imprescindível valorizar o corpo e a voz, o gesto e o olhar, implodindo a hierarquia tão imposta pelo ocidente que define a superioridade da mente e da escritura, como se a sensibilidade e a inteligência fossem partes autônomas que residem apenas na cabeça, desconhecendo que o homem e a mulher somos também entranhas e coração, mãos e pés caminhantes e dançantes, bocas cantantes e ventres amorosos. (PEREIRA, 2017, pp. 12-13)

Segundo nos conta o escritor indígena Kaká Werá Jecupé (2001, p. 43), transcrevendo o livro sagrado dos Mbya Guarani, o *Ayvu Rapyta*:

Os fundamentos do ser foram concebidos

⁵ Tradução livre.

na origem da futura linguagem humana,
tecida da sabedoria contida em sua própria divindade
e em virtude de sua sabedoria criadora
concebeu como primeiro fundamento o Amor.
Antes de existir a terra,
em meio à Noite Primeira,
e antes de ter-se conhecimento das coisas,
o amor era.

No entanto, na construção secular do individualismo, o sentimento foi alijado do processo hermenêutico, assim como a fraternidade (categoria política que teria o papel de incluir sentimentos de benevolência e empatia nas negociações sociais) foi banida do jogo político que se ateve à liberdade e, em menor medida, à igualdade – tríade consagrada pela Revolução Francesa como princípios universais e civilizatórios: “Perdendo forças, [a fraternidade] foi gradativamente sendo empurrada para o âmbito das relações privadas e religiosas.” (SPENLER, 2012, p. 85)⁶

A deterioração do tecido social, conforme afirma outro importante escritor martiniquenho, Aimé Césaire, poderia ser detida pelo movimento de recordar, segundo a etimologia da palavra, de trazer de volta ao coração o humanismo tão fortemente propagado, ao mesmo tempo em que tão pouco praticado pelo ocidente⁷, pois “não é pela cabeça que as civilizações apodrecem. É, antes de tudo, pelo coração.” (CESAIRE, 2020, p. 35). Edgar Morin parece concordar: “O dever humanista é inequívoco e se confunde com o dever de fraternidade; devemos tomar o partido de Eros, que alimenta o amor e a fraternidade e propicia a intensa poesia de comunhão com o melhor que existe na humanidade” (MORIN, 2019, p. 53).

POESIA E POLÍTICA

A escrita e a leitura poéticas, mas principalmente a *poiesis* como ação mobilizadora da sensorialidade e da subjetividade, poderiam colaborar com a recuperação desse

⁶ Mais adiante, a autora afirma que “A fórmula que emerge atualmente quanto ao escopo (mutável) da busca da felicidade pode ser traduzida pelos termos ‘segurança’ (no lugar da liberdade), ‘paridade’ (no lugar da igualdade) e ‘rede’ (no lugar da fraternidade).” (SPENGLER, 2021, p. 87)

⁷ Afirma Césaire (2020, p. 71) que “[...] o Ocidente, ao mesmo tempo que gargareja todas essas palavras, não foi capaz de assumir os requisitos de um verdadeiro humanismo, de poder viver o verdadeiro humanismo – o humanismo na medida do mundo.”

sentido humanista que coloca a fraternidade como categoria política atuante no espaço público.

No cenário contemporâneo, marcado por inúmeras “guerras culturais” (COELHO, 2000), o fazer estético, como arte e cultura, aciona subjetividades e identidades, sendo capaz de construir novos processos de sociabilidade voltados a uma ética mais propícia à convivialidade, pois “cultura política é a cultura que nos permite conviver em sociedade, conviver na cidade, na pólis” (COELHO, 2000, p. 119).

Um dos maiores desafios para o mundo contemporâneo, que vive o auge da crise das relações, é trabalhar a inteligência não artificial, mas humana, voltada à ética da convivência e a uma esperança que só “[...] tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partejar novas lutas em outros níveis.”(FREIRE, 2019, p. 269)

O sujeito ético não é mais aquele de quem se espera o afastamento de suas vontades e inclinações, agindo conforme a abstração da lei. Tal posição, além de individualista, já que desconsidera a relação com o outro, negaria, justamente, a própria condição mais humana de ser relacional e provido de sentimentos. [...] Etimologicamente, CUIDAR vem do latim *cogitare* que é a ação de refletir intensamente, pensar desmedidamente, mergulhar fundo em reflexões. Então, cuidar tem a ver com pensar, refletir também no outro, exercitar alteridade. Fazendo outro desmembramento etimológico *CO-AGITARE* traz na segunda parte a ação física, o agir para tarefas físicas, o realizar. Mas, com o prefixo “co”, a dimensão passa a ser unir o físico à reflexão, que vem da mente. Ou seja, unir o agir ao pensar: dialogar. (In: ORTH; GRAF, 2020, p. 200)

Portanto, a ética da convivência deve ser, necessariamente, ética do cuidado (GILLIGAN, 2013) com a “intenção de construir novas sociabilidades, pautadas nos bons relacionamentos, na sensibilidade e no cuidado entre as pessoas” (In: ORTH; GRAF, 2020, p.194). Mas se o cuidado não começa com a compreensão dos movimentos emocionais internos a cada consciência, como avançar para um cuidado tácito do coletivo? Cuidar, assim como amar e discernir, se estimula, se aprende e se ensina.

O sentimento é a emoção elaborada, onde entram conceitos, pensamentos, valores, e outros elementos culturais e socioemocionais do indivíduo, e que o tornam personalíssimo. Emoções são respostas comportamentais e cognitivas automáticas, geralmente inconscientes, disparadas quando o encéfalo detecta um estímulo significativo, positiva ou negativamente carregado. Sentimentos são as percepções

conscientes das respostas emocionais. (In: ORTH; GRAF, 2020, p. 177)

Enquanto as respostas aos estímulos forem inconscientes ou instintivas, nossa condição de convivência ou nossa necessária interrelação estará em risco e, com ela, nossa condição básica, biológica, de sobrevivência no planeta. Pensar nas crises que hoje se justapõem no mundo demanda o exercício intenso e radical (por buscar as raízes) de um mergulho profundo nos universos emocional e sensorial do ser humano, relegados como secundários durante os últimos séculos.

Diante de uma ameaça às necessidades básicas, o ser humano reage, e surgem as emoções, que são as respostas a essa ameaça. As emoções ligadas a cada um desses desejos/anseios são o MEDO e a CONFIANÇA, que constituem pares opostos e complementares porque estão conectadas à necessidade de segurança e/ou proteção. (In: ORTH; GRAF, 2020, p. 184)

Assim, a confiança precisa ser valorizada como propiciadora de conexão, cooperação e fraternidade; confiança lúcida ou crítica (FREIRE, 2019), sempre atenta às contradições, ambiguidades e conflitos que subsistem em qualquer comunidade, assim como em qualquer consciência individual.

Já o medo – negativo da confiança – é uma emoção capaz de gerar a violência e a guerra. Porém, o medo não deixa de ser um pedido de socorro, de ajuda, de cuidado para necessidades não observadas no *eu* ou na comunidade. Como somos seres relacionais, precisamos estar conectados; porém, para quem vive submerso no medo (próprio ou imposto exteriormente), a única ponte, a única extensão de si para o conjunto será estabelecida pelo próprio medo. Em outras palavras, se eu sinto medo ininterruptamente, esta será a única emoção que poderei estender para fora de minha consciência, como conexão possível com o coletivo.

O medo pode funcionar, então, como um operador para engendrar outras conexões com a vida e com o mundo. Nesse caso, as forças advindas do fora são dobradas a serviço da vida. Há um deslocamento do sentido defensivo do medo, composto pelo fechamento e pela impotência, em favor de uma experimentação das potências do corpo. (MANSANO; NALLI, 2018, p. 79)

Mas se pudermos ampliar, desenvolver e sofisticar as possibilidades emocionais até qualifica-las como sentimentos, no interior de cada pessoa existente, então esse

mundo emocional amplificado em sua dignidade humana será capaz de estender outras pontes, outras conexões de si para si, assim como de si para o outro. O fortalecimento de cada ser, mediante uma educação *sentipensante* que promova dignidade a cada consciência, reconhecida e valorizada em sua especificidade e autenticidade, é o caminho para o fortalecimento do indivíduo relacional, capaz de um pensamento voltado ao cuidado e à solidariedade.

Apenas pelo desenvolvimento da inteligência não-artificial, mas humana, baseada na qualificação das relações internas e externas (ambas finalmente libertas das antinomias e hierarquizações dos últimos séculos, impostas pelo patriarcado e pela colonialidade do poder) poderemos construir novos paradigmas relacionais através do desenvolvimento de uma inteligência relacional e cuidadora, de grande potência imaginativa e criativa.

[...] O alcance da abordagem restaurativa depende de construirmos uma nova linguagem e um novo conjunto de princípios e procedimentos que façam surgir um novo paradigma mais coerente com os valores que promovam a interconexão humana. Um paradigma que acolha o sentido proposto por Paulo Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*, quando diz: “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que confiança no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos.” (In: ORTH; GRAF, 2020, p. 96)

Tendo o diálogo como objetivo, associado às linguagens expressivas do campo artístico, toda a organização social, no que tange inclusive ao campo do trabalho, se alteraria na direção de uma profunda mudança paradigmática. Marcuse, nos anos 60, já vislumbrava e antecipava essa transição:

La experimentación técnica, la ciencia y la tecnología podrían y deberían convertirse en un juego con las hasta ahora ocultas — metodológicamente ocultas y bloqueadas— potencialidades de los hombres y de las cosas, de la sociedad y de la naturaleza. Esto significa uno de los sueños más antiguos de toda la teoría y la práctica radical. Significa que la imaginación creadora, y no solamente la racionalidad del principio de actuación, se convertiría en una fuerza productiva aplicada a la transformación del universo natural y social. Significaría el surgimiento de una forma de realidad que es la obra y el medio de la sensibilidad y la sensualidad en el desarrollo del hombre. Y añadido ahora la idea terrible: significaría una realidad "estética", la sociedad como obra de arte. Ésta es hoy la más utópica,

la más radical posibilidad de liberación. (MARCUSE, 1987, pp. 108-109)

Nos termos colocados por Marcuse, sensibilidade, sensualidade e imaginação criadora – não privadas, mas tornadas forças de transformação social – se aliam para a “transvaloração de todos os valores.” Tal defesa de uma “virada paradigmática” (MORIN, 2015) que seja capaz de influenciar toda a organização social, envolvendo as diversas camadas do fazer científico, artístico, educacional, etc. vem angariando cada vez maior adesão por autores(as) das mais diversas áreas do conhecimento. Entre eles/elas, Edgar Morin que há décadas reflete sobre novas bases para a construção do conhecimento e da convivialidade, com o objetivo de sobrepujar um paradigma que se mantém como “lógica homeostática, destinada a manter o equilíbrio do discurso pela expulsão da contradição e do erro.” Afirma Morin que

A imaginação, a iluminação, a criação, sem as quais o progresso das ciências não teria sido possível, só entravam na ciência secretamente: elas não eram logicamente identificáveis e epistemologicamente eram sempre condenáveis. [...] Efetivamente, a parte ao mesmo tempo grávida e pesada, etérea e onírica da realidade humana (e talvez da realidade do mundo) foi assumida pelo irracional, parte maldita, parte bendita onde a poesia cantava e decantava suas essências, que, filtradas e destiladas um dia, poderiam e deveriam chamar-se ciência. (MORIN, 2015, pp. 54-55)

A imaginação criadora seria, portanto, uma das chaves para a compreensão da sociedade libertária, deshierarchicalizada, despatriarcalizada e descolonizada. Mas, para que isso ocorra, precisamos recuperar a imaginação retirando-a das telas (celular, vídeo game, filmes, séries, aplicativos, etc.) e devolvendo-a às pessoas, para o desenvolvimento da inteligência não-artificial.

Sensibilidade (libertação das subjetividades), sensualidade (libertação dos corpos) e imaginação criadora (libertação do automatismo), como forças de transformação associadas ao jogo e à alegria, vinculadas à ética do cuidado e da responsabilidade planetária, teria o poder para alavancar as profundas transformações necessárias à sobrevivência humana no Antropoceno. Sem temer a emoção e o sentimento, com a racionalidade colocada à serviço do bem comum, construir comunidade através do permanente diálogo já não seria uma utopia tão distante.

A escrita e leitura literárias, assim como as artes em geral, poderiam fornecer o espaço de experimentação necessário para o desenvolvimento da ação de esperançar;

poderiam convidar a sonhar/desejar/projetar um futuro liberto dos determinismos coloniais. Por sua vez, para alcançar tais experimentações é imprescindível uma atitude de ousadia, de concentração de esforços na ampliação das formas e das práticas. Associadas ao âmbito da educação, poderiam fortalecer a sala de aula como “ambiente de possibilidades”, no qual seria desejável “termos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir.” (hooks, 2017, p. 273)

A educação, portanto, como espaço capaz de aliar o ensaio auto investigativo ao estudo analítico e teórico. Educação baseada na experiência, vinculada à vivência pessoal, para desalienar as mentes dispersas que hoje se conectam pelo medo e a desconfiança (teorias da conspiração) e por uma imaginação difusa que serve apenas para incrementar o ódio e a violência: educação como prática da liberdade que seja, também, educação “terapêutica”, automediadora (PEREIRA, 2018), que inclua “el espíritu y el cuerpo, la razón y la imaginación, las necesidades intelectuales y del instinto, pues nuestra existencia entera ha pasado a ser *el* sujeto/objeto de la política, de la ingeniería social.” (MARCUSE, 1987, p. 114)

REFERÊNCIAS

- CESAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. SP: Veneta, 2020.
- COELHO, Teixeira. *Guerras Culturais*. SP: Iluminuras, 2000.
- DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e Eurocentrismo*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina / Orlando Fals Borda*; Moncayo, V. M. (Comp.) — México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Aquí*. Madrid: Visor, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. SP/RJ: Paz & Terra, 2019.
- GILLIGAN, Carol. *La ética del cuidado*. Barcelona: Cuadernos de la Fundació Victor Grifols i Lucas, N° 30, 2013.
- GLISSANT, Édouard. *El discurso antillano*. Guayaquil: Universidad de las Artes, 2015.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. SP: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani*. SP: Peirópolis, 2001.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia. Oito Conferências sobre o Natureza no Antropoceno*. SP/RJ: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.
- MANSANO, S. R. V.; NALLI, M. “O medo como dispositivo biopolítico”. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 20(1), 72-84. São Paulo, SP, jan.-abr. 2018.

- MARCUSE, Helbert. *Ensayos sobre política y cultura*. Barcelona: Planeta-Agostini, 1986.
- MARCUSE, Helbert. *Un ensayo sobre la liberación*. México: Joaquín Mortiz, 1969.
- MORIN, Edgar. *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*. SP: Palas Athena, 2019.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ORTH, Glaucia Mayara Niedermeyer; GRAF, Paloma Machado (Org.) *Sulear a justiça restaurativa: as contribuições latino-americanas para a construção do movimento restaurativo*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.8)
- PEREIRA, Diana A. (Org.). *A poesia cura a palavra*. Curitiba: Medusa, 2017.
- PEREIRA, Diana A. “Escritas de Si – Sobre Alteridades e Mediações”. In: *Revista de Literatura, História e Memória*. Vol. 14 n° 23, p. 43-57, 2018.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. RJ: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. RJ: Record, 2008.
- SPENGLER, Fabiana M. *Fundamentos Políticos da Mediação Comunitária*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

Data de recebimento: 12/06/2021
Data de aprovação: 10/07/2021